

Copom decidirá hoje a nova política de juros

Desde o início das intervenções, reservas perderam US\$ 612 milhões. BC paga mais para vender papéis. Dólar fecha a 2,15

Marcelo Aguiar e João Domingos

• RIO e BRASÍLIA. Todas as atenções do mercado financeiro hoje vão estar voltadas para o primeiro dia em que o economista Armínio Fraga Neto estará à frente do Banco Central. Ele toma posse hoje. Além disso, está marcada para hoje também a reunião do Comitê de Política Monetária do BC (Copom), que traçará a nova política das taxas de juros no país. Ontem, o nome de Armínio Fraga foi aprovado no plenário do Senado por 57 votos a favor e 20 contra. Dos senadores da base governista, seis votaram contra, já que a oposição conta com apenas 14 senadores.

Ontem, o BC precisou ontem pagar um prêmio em juros para que os bancos comprassem títu-

los indexados ao dólar — e ainda assim não encontrou compradores em quantidade suficiente. Os bancos que compraram ontem as Notas do Banco Central série E (NBC-Es, corrigidas pelo dólar) leiloadas pelo BC pediram um prêmio em juros, temendo queda do dólar até o vencimento do papel, no dia 17 de abril, e acabaram levando uma taxa de juros de até 41,09% ao ano, bem acima dos 39,3% de um outro leilão feito também ontem de títulos do BC, mas de papéis em reais.

Média de juros do leilão de títulos ficou em 40,6%

Mesmo aceitando pagar juros tão altos nos títulos cambiais, o BC precisou recusar a quase totalidade das propostas. Apenas US\$ 30 milhões em NBC-Es foram ven-

didas, contra uma oferta inicial de US\$ 500 milhões. Alguns bancos chegaram a pedir juros pouco acima dos 50% ao ano pelos títulos. A taxa média dos US\$ 30 milhões vendidos ficou em 40,6%.

— Com o dólar nesse nível, ficou arriscado comprar papéis cambiais. Se a Ptax (a taxa média do dólar, que corrige os títulos cambiais) cair, um abraço — resume o gerente da mesa de *open* de um grande banco de investimento paulista.

No outro leilão, de títulos indexados à taxa de juros do *overnight*, mas que rendem juros prefixados nos dez primeiros dias, o BC vendeu BBC-As com taxa de 39,3%. Foi um leilão muito pequeno, de no máximo R\$ 10 milhões, feito de última hora, diretamente com instituições que atuam como

intermediárias do BC junto ao mercado (os *dealers*). O BC fez o leilão para conter especulações de que os juros subiriam hoje na reunião do Copom, e acabou conseguindo acalmar o mercado. As taxas dos contratos futuros de DI fecharam praticamente estáveis.

BC não interveio, mas BB chegou a vender dólares

O dólar fechou ontem estável, em R\$ 2,15, mas já deu sinal de que segue subindo hoje. A maior parte dos negócios foi na faixa dos R\$ 2,17 a R\$ 2,20, com a cotação em alta devido à saída de divisas para o pagamento de compromissos no exterior, e a cotação só cedeu no fim do dia, nos últimos negócios. O BC não interveio, mas o Banco do Brasil chegou a vender pequena quantida-

de de dólares quando a cotação chegou a R\$ 2,20 e deu margem a boatos de uma intervenção velada em nome do BC.

Segundo dados do BC, as reservas estão em US\$ 35.093 bilhões, o que significa queda de US\$ 235 milhões no dia. A redução nas reservas já soma US\$ 612 milhões, desde o início das intervenções do BC na semana passada.

O presidente Fernando Henrique Cardoso almoçou ontem com o novo presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e com Roberto Campos, ex-deputado e ex-ministro do Planejamento no regime militar.

— O almoço teve por objetivo uma avaliação do cenário internacional. Quanto a alta do dólar, essa é um assunto do Banco Central — disse o porta-voz da Pre-

sidência, Sergio Amaral.

Analistas consideram que a elevação do empréstimo compulsório sobre os depósitos a prazo — determinada na terça-feira pelo Banco Central — pode não ser suficiente para controlar a volatilidade do câmbio. O Governo calcula retirar entre R\$ 5 bilhões e R\$ 6 bilhões do mercado.

— O dólar está alto devido ao excesso de liquidez no mercado, mas também pela falta de oferta da moeda americana para fazer frente ao grande volume de vencimentos das empresas — diz o economista-chefe do ING, Mauro Schneider. ■

COLABORARAM Cristiane Jungblut e Sheila D'Amorim, de Brasília, e Sueli Campo e Tatiana Bautzer, da Agência O GLOBO